

Este exemplar pertence a
Vasco Santana



SE AQUILO QUE A GENTE SENTE...

Revista em 2 actos



ORIGINAL DE:

Alberto Barbosa,
José Galhardo,
Vasco Santana e
Luís Galhardo

MÚSICA DE:

Raúl Ferrão,
Fernando Carvalho e
Frederico Valério

Lisboa
1947



Cópia de
José

PRÓLOGO

O FERREIRO DA MALDIÇÃO

(Cortina. À frente, o Oiro, envolto numa ampla capa doirada, pleno de magestade, censura a guerra, que se roja a seus pés. Fundo musical)

OIRO

Guerra ! Monstro infernal ! Ajoelha aqui !

GUERRA

(Ajoelhando) Oiro ! Que qu'reis de mim, Senhor da Humanidade ?

OIRO

Expulsar-te do Poder a que te ergui:

- A Direcção Genial das Forjas da Maldade ! -

GUERRA

(Erguendo-se)

Acaso não cumprí,

Soi da Perversidade ?

Seis anos dei à Forja o rendimento pleno:

Deixei a Terra em fogo, o Mundo exangue

E ao Elba, ao Volga, ao Marne, ao Vístula e ao Reno

As águas transformei em lágrimas e em sangue !

OIRO

(Com desprêzo) Labareda que morre, astro em declínio,

Não cumpriste o meu plano, ó malfadada Guerra:

- Torturar, desgraçar quem fuja ao meu domínio !

Comprar a Terra a Deus - ou destruir a Terra ! -

Bem mais cruéis que tu, sem fé nem consciência,

Tive outros Contramestres, afinal

- A Intolerância ! O Crime ! A própria Ciência ! -

À frente das Forjas do Mal !



Forjas a arder em pecado,

(Aparecem as Forjas)
Que são toda a minha glória, ...

Vê o que elas têm forjado,

(Deita a capa)
- Vê bem ! - através da História !

Vê que obras-primas forjou

A minha eterna ambição

Nessas forjas - de que eu sou

(com a capa)
Ferreiro da Maldição !

(Deita fóra a capa, transformando-se no Ferreiro da Maldição. Mutação.)



AS FORJAS DO MAL

(Aparecem as Forjas do Mal em plena actividade. Baile inicial)

OIRO

(Depois de anunciar os quadros plásticos, que sucessivamente aparecem)
Viste a que ponto pode ir a maldade humana ? Vês a tua infelicidade ?
Guerra ! Não podes continuar a dirigir as Forjas do Mal !

GUERRA

(Com altivez) Mas eu destruí pátrias inteiras, ceifei milhões de vidas,
arrazeei catedrais !

OIRO

Alguem que te excede em perversidade !

GUERRA

Quem pode haver pior do que eu, a maldita Guerra ?

OIRO

Pior do que tu ? A bendita Paz ! (Espanto geral) Eis o seu Mensageiro,
que vem tomar a direcção das Forjas do Mal ! (Espanto geral)

GUERRA

Protesto ! Aquele mensageiro é o arauto do Amor - e traz até na mão a
pompa simbólica da Paz !

MENSAGEIRO

(Que tem aparecido ao F., de casaca branca e asinhas brancas) O quê, o
quê, o quê ? Isto não é a pompa da Paz ! É a bomba da Paz ! A bomba ató-
mica ! Eu sou muito mais ruim do que tu nunca foste nos dias da tua vi-
da ! Põe-te a cavar, meu "injinho" ! A Guerra, ao pé da Paz, é uma san-
ta ! (Aplausos. Guerra sai)

OIRO

(A Mensageiro) Espero agora que saibas honrar a minha confiança, forjando



crueledades infinitas p'ra torturar o género humano !

MENSAGEIRO

Oiro ! Meu poderoso senhor ! P'ra te provar a minha alta competência nes-
ta matéria, vê a diabólica maldade que eu inventei p'ra arrelhar os habi-
tantes duma cidade da Europa !



OIRO

(Depois de Música) Guerra, monstro sem garras ! Não podes continuar a dirigir estas Forjas do Mal, donde tem saído todas as desgraças da Humanidade ! Eu, a Paz, venho ocupar o teu posto !

GUERRA

Mas tu eras a mensageira do Bem ! Porque razão vens tu dirigir as Forjas do Mal ?

OIRO

Porque te excedo em perversidade ! (Espanto)

GUERRA

Potesto ! Eu destruí pátrias inteiras, ceifei milhões de vidas, arrazei catedrais !

OIRO

E eu, a Paz, criei a fome, o desemprego e inventei a bomba atómica !

VOZES

Bravo !

OIRO

Sáí da minha presença ! Pertence-me a direcção das Forjas do Mal ! E para te provar a minha alta competencia nos domínios da maldade vê a diabólica tortura que eu inventei p'ra arrelhar os habitantes duma cidade da Europa !



A NAU LISBOETA

(Sobe o talão, deixando ver um mar encapelado, sobre o qual voga um carro eléctrico transformado em barco, apinhado de passageiros, com uma vela no "trolley", ao qual está agarrado Zé Lisboa. Fundo musical da Nau Catrineta)

ZÉ LISBOA

(Cantado)

Lá vem a nau lisboeta,
Que tem muito que contar;
Oçam a história, senhores,
Dum carro p'ró Lumiar !

(Falado)

Lá sobe a nau a Avenida,
Vai cheinha a abarrotar,
Já leva a mais gente à frente,
Fóra o que atraz vai levar !
Há sete anos e um dia
Fomos p'ra casa jantar !
Já não temos que comer,
Já não temos que papar,
A não ser que o guarda-freio
Se queira sacraficar !
Deitámos solas de molho
P'rá gente se alimentar,
Porque desde as nossas botas
Às malas de arrecadar,
Ó rapazes, nos eléctricos,
Os coiros são a fartar !

(Cantado)

Deitou-se a sorte à ventura
Quem se havia de matar

